

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-1-4606>

Recebido em: 01/02/2025

Aprovado em: 11/05/2025



Queermuseu

Análise dialógica da argumentação polêmica no artigo de Xico Graziano (2017)

Priscila Santos Lopes

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-8260-9650>

Lucas Nascimento

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Brasil

<http://orcid.org/0000-0001-8642-4397>

Neste trabalho, analisamos um artigo de opinião publicado por Xico Graziano, no jornal Poder360. O conteúdo do texto orbita em torno da polêmica entre político-religiosos e defensores da liberdade artística sobre a exposição Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, realizada na capital gaúcha, em 2017. Assim, neste artigo, objetivou-se apresentar a caracterização do desacordo profundo entre as partes implicadas. Para tanto, o estudo está subsidiado na perspectiva da Análise Dialógica da Argumentação, proposta por Nascimento (2018), fundamentada em Mikhail Bakhtin (2011; 2018; 2020) e em Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1966]), em diálogo com Ruth Amossy (2017) e Marc Angenot (2008). Outrossim, foram utilizadas as contribuições da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2013a, Paveau, 2013b; Paveau, 2017; Paveau, 2021). Sob tais perspectivas, foi possível analisar o desacordo no artigo de opinião, em que os argumentos dos opositores soam irracionais e inaceitáveis para os artistas argumentantes.

Palavras-chave: Arte. Argumentação. Polêmica. Queermuseu.

Queermuseu: Análisis dialógico de la argumentación polémica en el artículo de Xico Graziano (2017)

En este artículo analizamos un artículo de opinión publicado por Xico Graziano en el periódico Poder360. El contenido del texto gira en torno a la polémica entre políticos religiosos y defensores de la libertad artística sobre la exposición Queermuseu - Cartografías de la diferencia en el arte brasileño, celebrada en la capital de Rio Grande do Sul en 2017. El objetivo de este artículo es presentar una caracterización del profundo desacuerdo entre las partes implicadas. Para ello, el estudio se basa en la perspectiva del Análisis Dialógico de la Argumentación, propuesta por Nascimento (2018), a partir de Mijaíl Bajtín (2011; 2018; 2020) y Chaïm Perelman y Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1966]), en diálogo con Ruth Amossy (2017) y Marc Angenot (2008). Además, se utilizaron las aportaciones del Análisis Digital del Discurso (Paveau, 2013a, Paveau, 2013b; Paveau, 2017; Paveau, 2021). Desde estas perspectivas, fue posible analizar el desacuerdo en el artículo de opinión, en el que los argumentos de los oponentes suenan irracionales e inaceptables para los artistas argumentadores.

Palabras clave: Arte. Argumentación. Controversia. Queermuseu.

Queermuseu: Dialogic analysis of polemical argumentation in Xico Graziano's article (2017)

In this article, we analyze an opinion piece published by Xico Graziano in the newspaper Poder360. The content of the text revolves around the controversy between religious politicians and defenders of artistic freedom over the exhibition Queermuseu - Cartographies of Difference in Brazilian Art, held in the capital of Rio Grande do Sul in 2017. The aim of this article is to present a characterization of the profound

disagreement between the parties involved. To this end, the study is based on the perspective of Dialogical Analysis of Argumentation, proposed by Nascimento (2018), based on Mikhail Bakhtin (2011; 2018; 2020) and Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1966]), in dialogue with Ruth Amossy (2017) and Marc Angenot (2008). We also used the contributions of Digital Discourse Analysis (Paveau, 2013a, Paveau, 2013b; Paveau, 2017, Paveau, 2021). From these perspectives, it was possible to analyze the disagreement in the opinion article, in which the arguments of the opponents sound irrational and unacceptable to the arguing artists.

Keywords: Art. Argumentation. Controversy. Queermuseu.

1 Introdução

O Poder360 é um jornal digital brasileiro independente, fundado em 2000, cujos articulistas têm posicionamentos ancorados em espectros políticos diferentes. Em 2017, o articulista Xico Graziano publicou um artigo intitulado *MBL fez campanha por boicote e não há nada de errado nisso* em 13 de setembro do referido ano. O texto orbita em torno da exposição Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, patrocinada pelo banco Santander. Sob a curadoria de Gaudêncio Fidélis, a atividade cultural se estabeleceu em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, com o objetivo de compor o quadro de opções de lazer para a população.

Inaugurada em 15 de agosto e com a expectativa de cumprir a sua função cultural até o dia 8 de outubro, a exposição foi interrompida precocemente, em 10 de setembro, após uma enxurrada de protestos incitados pelo Movimento Brasil Livre do Rio Grande do Sul. O primeiro sinal contrário à atividade cultural está registrado no artigo de opinião publicado no dia 6 de setembro de 2017 no Locus Online¹, caracterizado como um portal de notícias acerca de Passo Fundo e outros municípios gaúchos, cujas atividades encerraram em 15 de dezembro de 2022, de acordo com um anúncio publicado no site². Seguidamente, outros editoriais e artigos de opinião foram publicados em diferentes jornais online, cujo conteúdo expressa o ponto de vista não apenas de apoiadores, mas de opositores. Um deles foi escrito e compartilhado, como afirmamos no parágrafo anterior, por Xico Graziano.

Em seu texto, para demonstrar um posicionamento contrário acerca da atividade cultural e dos seus defensores, Graziano aponta o encerramento da

¹ JUNIOR, Cesar Augusto Cavazzola. Santander cultural promove pedofilia, pornografia e arte profana em Porto Alegre. **Locus Online**, 2017. Disponível em: <https://www.locusonline.com.br/2017/09/06/santander-cultural-promove-pedofilia-pornografia-e-arte-profana-em-porto-alegre/>. Acesso em 28 mai. 2024.

² Fim das Atividades. **Locus Online**, 2024. Disponível em: <https://www.locusonline.com.br/>. Acesso em 28 mai. 2024.

Queermuseu como uma medida legítima e benéfica para a democracia. Desse modo, o nosso objetivo neste artigo é compreender e analisar os argumentos polêmicos empregados no artigo, sob a perspectiva da análise dialógica da argumentação (Nascimento, 2018a). Este dispositivo escolhido trata-se do encontro epistemológico entre a Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1966]) –, e o dialogismo de Mikhail Bakhtin, principalmente a partir da obra *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2020 [1924]).

A referida proposta teórico-metodológica objetiva compreender a divergência profunda entre os campos discursivos em disputa. Estes, com base no método da empatia ativa e da *exotopia* bakhtiniana (Bakhtin, 2020 [1920-24]), denominamos de político-religiosos e, a partir deste campo adversário, denominamos o outro campo como defensores da liberdade artística, a partir da voz polêmica de Xico Graziano. Em nosso dispositivo analítico adotado, será possível dialógica e polemicamente, ver o posicionamento do outro sendo materializado e respondido nos parágrafos que compõem o artigo de opinião, assim como o funcionamento dos atos e, principalmente, dos microatos polêmicos utilizados pelo articulista no evento polêmico, sendo tais noções a serem discutidas na seção a seguir.

2 Análise dialógica da argumentação

A análise dialógica da argumentação (ADA) é um dispositivo epistemológico-pragmático sociodiscursivo, resultado do encontro entre a Análise da Argumentação no Discurso (AD), de Ruth Amossy (2020 [2016]) — fusão da Análise do Discurso (AD) com a Nova Retórica de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014 [1966]) —, e o dialogismo de Mikhail Bakhtin, notadamente a obra *Para uma filosofia do ato responsável* (Bakhtin, 2020 [1924]).

No texto intitulado *Para uma filosofia do ato responsável* (2020 [1920-24]), o filósofo russo Mikhail Bakhtin discorre sobre a ideia de ato ético. Ao refletir sobre a cisão entre o mundo da vida e o mundo teórico (e estético), Bakhtin (2020 [1920-24]) endossa que a unidade entre os referidos mundos está no *postupok* (ato/feito-façonha) do sujeito único, responsivo e responsável, ou seja, ético. Assim, Bakhtin insere-se na discussão voltada para a busca fenomenológica da unidade entre o sensível e o inteligível, e o universal e o particular, o que remete ao conteúdo-sentido e ao sensível.

O filósofo russo, então, define que o ato é sempre um ato de um sujeito situado no aqui e no agora. Tal sujeito é constituído de forma intersubjetiva, ou seja, sempre em relação ao outro, bem como os atos, sendo estes o fundamento das relações dialógicas. Em uma visada linguística, tais relações, posteriormente, aparecem melhor elaboradas em outras obras de Bakhtin (2011; 2018) e seu Círculo, como relação de atos concretos, denominados de enunciados, sendo estes sempre respondentes a outros enunciados. Logo, Bakhtin conduz a depreender que o sentido desses atos vão se atualizar através da apreciação valorativa do sujeito, cujo ativismo do eu no mundo axiológico é levado em grande apreço. Constituído intersubjetivamente, esse sujeito buscará complemento em seu outro, portanto, é responsivo a ele.

Então, a relação do sujeito com seu outro é a força motriz responsável por atualizar seus enunciados (ou atos) no tempo e no espaço. Tal concretização ocorre por meio de um gênero discursivo. Nascimento (2018a) promoveu o encontro entre a Filosofia do ato e o dialogismo de Bakhtin (2011; 2018; 2020) e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014 [1966]), apontando para uma relação argumentativa profundamente dialógica, em que o ato do sujeito ético passa a ser compreendido como ato do sujeito argumentante, como aquele que responde a seu outro. Nascimento (2018a; 2018b), portanto, postulou a ideia da constituição profundamente intersubjetiva entre a díade orador e auditório na figura do sujeito argumentante, responsável por atualizar no espaço e no tempo seus enunciados ou argumentos.

Assim, ocorrem as possibilidades de surgimento da polêmica. O conceito de polêmica, sob a perspectiva da ADA, melhor delineada nos parágrafos seguintes, tem suas bases herdadas do dialogismo de Bakhtin³ e dos pressupostos de Ruth Amossy. Em *Apologia da Polêmica* (2017), Amossy define a polêmica como um elemento essencial para a democracia, afinal, estamos na sociedade do espetáculo. Se assim o é, “as polêmicas atraem porque são lúdicas – podemos contar os ataques que

³ Há duas tipologias verbais da polêmica. Em *Problemas da Poética de Dostoiévski*, Bakhtin (2018) as nomeia de polêmica aberta e polêmica velada. Na primeira, o discurso do outro é atacado diretamente, ou seja, é “orientada para o discurso refutável do outro, que é o seu objeto” (Bakhtin, 2018, p. 224). A segunda está direcionada para o “objeto habitual, nomeando-o, representando-o, enunciando-o, e só indiretamente ataca o discurso do outro, entrando em conflito com ele como que no próprio objeto” (Bakhtin, 2018, p. 224). Neste artigo, nós direcionaremos o olhar para a polêmica aberta, que se apresenta de forma explícita no evento polêmico analisado.

acontecem nelas e apontar os vencedores – e não porque elas nos façam refletir” (Amossy, 2017, p. 8).

Ao cumprir uma função social, como salienta a autora, a polêmica é defendida como uma modalidade argumentativa, ou seja, serve para gerir os conflitos no tecido social. Logo, “a polêmica é [...] um debate em torno de uma questão de atualidade de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017, p. 49). Empossado disso, Nascimento (2018a) afirma que o fundamento da análise dialógica da argumentação polêmica está inteiramente na abordagem dialógica, cujo ponto de partida é a Filosofia do Ato e o encontro com a Nova Retórica. Pensar a polêmica dialogicamente, alicerçada em valores, é um caminho profícuo na análise de diversas polêmicas.

A Análise Dialógica da Argumentação é oriunda da Tese do analista do discurso Lucas Nascimento (2018a). Esse método compreende o discurso como retórico-dialógico-argumentativo, a argumentação como dialógico-discursiva e a retórica enquanto dialogizada e também se utiliza da empatia ativa como método (Nascimento, 2018b). Quatro hipóteses surgem desse encontro: as noções de polêmica, evento polêmico, ato polêmico e microato polêmico. O evento polêmico “é o encontro de posicionamentos polêmicos, fundantes de dois campos discursivos antagônicos [...]” (Nascimento, 2018a, p. 204) e se caracteriza por três elementos constitutivos:

Primeiro, há um encontro hostil de dois posicionamentos sobre um mesmo objeto, o que forma uma polarização em dois campos discursivos antagônicos [...]. Segundo, há uma maneira divergente entre os campos de hierarquizar os valores e posicionamentos em cada campo. Terceiro elemento, há uma atualização de entidades geradas por outras polêmicas, passíveis de identificação (Nascimento, 2019, p. 10).

O evento polêmico, segundo Nascimento (2018a), se constitui de atos polêmicos, ou seja, “os acordos, os argumentos, as estratégias argumentativas e os posicionamentos mobilizados no processo argumentativo” (Nascimento, 2018a, p. 209). O ato polêmico é constituído por um conjunto de microatos polêmicos, que são “as palavras e as sentenças mobilizadas na construção do enunciado” (Nascimento, 2018a, p. 210).

Portanto, o objetivo analítico da ADA é o de buscar os efeitos de sentido dos argumentos, entendidos como enunciados, visto que tais atos concretos de linguagem dos sujeitos situados no aqui e agora são dotados de sentido. Isso porque a ADA compreende o sujeito argumentante como responsivo e responsável (Bakhtin, 2020 [1924]), logo, constituído intersubjetivamente, em um processo discursivo, a partir da seleção de conteúdos e produtos discursivos, melhor compreendidos a partir de tal arquitetônica (Nascimento, 2021).

Sendo assim, os enunciados, compreendidos como atos concretos, sempre responderão a outros enunciados. Estes serão sempre respondentes a outros enunciados, possibilitando o estabelecimento de relações dialógicas. Desse modo, o sentido desses atos são atualizados valorativamente pelo sujeito, no tempo e no espaço, em um determinado gênero discursivo (Bakhtin, 2016; 2018). A ADA, portanto, vai do ato à empatia. Logo, ato, conteúdo e processo ocorrem em um contexto situado, a partir do processo da empatia ativa (*vzhivanie*), ou seja, identificação (empatia plena) e retorno a si (*exotopia*) com objetivação e/ou abstração.

Tal processo é realizado por um sujeito agente que avalia e valora (condição de existência) (Nascimento, 2018b). Assim, veremos como Xico Graziano, enquanto sujeito agente, entra em empatia para com os valores do outro (axiologia) (Bakhtin, 2011, p. 23). E, a partir disso, constrói os argumentos a serem lidos por seus leitores, visando apontar a malignidade da Queermuseu no espaço público⁴. Para tanto, o articulista fez uso do artigo de opinião, um gênero do discurso em que é possível expressar seu ponto de vista acerca de um determinado objeto, sobretudo aqueles que estão sendo amplamente discutidos na contemporaneidade. Leiamos, na próxima seção, a função e composição de tal gênero do discurso, bem como seu caráter dialógico.

3 O gênero do discurso artigo de opinião em formato digital

Em nosso caso, Graziano faz jus ao que se espera de um artigo de opinião ao nomeá-lo com um título simples, objetivo, mas polêmico e provocativo. Ancorados em Bakhtin (2016), podemos pensar que o artigo de opinião é um gênero do discurso

⁴ Na perspectiva da Análise dialógica da argumentação, o espaço público é apreendido como um lugar de interação discursiva, onde é possível analisar a produção, a circulação e a recepção de discursos em que os sujeitos buscam participar, de algum modo, da vida pública de uma dada sociedade (Nascimento, 2018a).

construído em função do seu conteúdo temático, da sua estrutura composicional, ou seja, a organização do texto e, por fim, o estilo, que se trata da linguagem empregada pelo articulista. Os gêneros, portanto, podem influenciar o modo como escrevemos e falamos de acordo com o lugar em que estamos inseridos (Bakhtin, 2016).

O artigo de opinião é produzido pela esfera jornalística, logo, tem a função de informar, tecer e apresentar opiniões sobre diversos assuntos, principalmente os políticos, culturais e educacionais. Assim, o conteúdo temático, a estrutura composicional e o estilo de tal gênero pode aludir a temas polêmicos e, conseqüentemente, influenciar diretamente a opinião pública. O articulista, portanto, escolhe um assunto (conteúdo temático), seleciona e organiza argumentos (estrutura composicional) e os emprega no texto com uma linguagem formal (estilo), tendo em vista conduzir os seus interlocutores a concordarem com o seu ponto de vista. A composição dos discursos em um artigo de opinião digital é frequentemente de natureza plurissemiótica. O articulista tem a opção de mobilizar imagens em movimento ou fixas, além de adicionar sons (Paveau, 2017).

No que tange a linguagem formal, revelam uma enunciação ampliada, pois há a possibilidade de adição de comentários, e circulações facilitadas, como compartilhamentos. Através do artigo de opinião de Graziano, inserido em uma plataforma digital, podemos compreender como se dá a relação dialógica entre ele e seus leitores. Isso porque seu artigo, a partir da observação do conteúdo temático, a estrutura composicional e a linguagem empregada, é endereçado para leitores habituais, que provavelmente têm lido outros textos de sua autoria, caracterizados como analíticos e opinativos⁵. Tais leitores certamente conhecem a sua projeção político-ideológica, expressadas pelas escolhas linguísticas, e simpatizam. Ademais, os enunciados são fragmentados em poucos parágrafos, o que se liga a configuração do X, antigo Twitter (Paveau, 2013a). Na referida rede social, os posts (*tweets*) podem ser publicados em até 280 caracteres, o que nos conduz a presumir que os leitores de Graziano, aparentemente, não são habituados a lerem textos extensos.

Graziano, ao construir o enunciado, considera a atitude responsiva do interlocutor, que se torna participante ativo da comunicação discursiva a partir da leitura. Na plataforma digital aderida para veicular seu discurso, não há a possibilidade do leitor comentar, mas há a inserção da ferramenta de

⁵ GRAZIANO, Xico. Publicações. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/author/xico-graziano/>. Acesso em 20 jan. 2025.

compartilhamento que, para além da compreensão, é um indicativo de resposta ao enunciado. De acordo com Paveau (2017), tal ferramenta trata-se de uma instrução integrada ao formato dos sites. Em outras plataformas como a Folha de São Paulo, diferente da Poder360, há a possibilidade de deixar comentários públicos após o texto de um articulista ou da redação. As diferenças de configuração refletem, segundo Paveau (2017), como cada plataforma possui recursos, ou seja, ferramentas de navegação que guiam a interação entre leitor e articulista.

Por se tratar de um discurso digital, a “produção e recepção discursivas, no modo *on-line*, envolvem gestos de leitura na Internet inseparáveis de enunciados (clique, role, toque)” (Paveau, 2021, p. 159). Diferente do artigo de opinião distribuído de forma física, o artigo online possibilita que os seus leitores cliquem em *hiperlinks* e sejam direcionados para outras páginas que tratem da mesma temática, mas sob as mesmas óticas. Ademais, no artigo online, os leitores podem clicar, ao mesmo tempo, nas teclas Ctrl + F para digitar palavras-chave e acessar os parágrafos que lhe interessem, aprazem ou sejam alvos de sua refutação. Outrossim, os leitores podem copiar o link e difundi-lo via redes sociais. No que tange a linguagem formal, o artigo faz uso desta, em ambas as formas: física e digital.

Nesse sentido, o artigo publicado de forma online é caracterizado como tecnodiscursivo, isso se deve ao fato de que é nascido da e na tecnologia, logo, se constitui de material tecnológico e de gestos enunciativos (Paveau, 2013a). Assim, os enunciados empregados em tal gênero discursivo são formas de expressão do discurso, portanto, “um traço essencial (constitutivo) do enunciado é o seu direcionamento a alguém, o seu endereçamento” (Bakhtin, 2011, p. 301). Isto posto, sigamos à análise dos atos polêmicos e microatos polêmicos que constituem o artigo de opinião.

3 O uso de argumentos polêmicos no artigo de opinião publicado por Xico Graziano

O articulista Xico Graziano, antes de apresentar os enunciados verbais, insere um recorte da pintura *Cruzando Jesus Cristo com deus Shiva* (1996), de Fernando Baril⁶, como exemplo elucidativo no seu texto, embora não faça nenhuma referência

⁶ Fernando Baril foi um pintor e professor brasileiro, nascido em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 23 de maio de 1948. Ao longo da carreira, o renomado artista porto-alegrense participou de diversas exposições no Brasil e no exterior.

à obra no artigo. Configurado como um discurso digital, conforme delineamos na seção posterior, o texto publicado é de natureza plurissemiótica, visto que mobiliza uma imagem fixa juntamente aos enunciados (Paveau, 2017). Na ocasião, a obra foi apontada como uma expressão explícita de vilipêndio religioso ao ser exposta na Queermuseu, porque retrata a fusão entre a figura atribuída a Cristo e Shiva, sendo este último um deus cultuado em países asiáticos como Camboja, Índia, Indonésia, Laos, Mianmar, Malásia, Nepal, Tailândia e Vietnã.

Ao ver a imagem, os político-religiosos, cujas vozes foram amplificadas pelo MBL e em um editorial publicado pelo *Gazeta do Povo*⁷, em 2017, fizeram uso dos argumentos por incompatibilidade e hierarquia (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1966]) para rejeitar a pintura. Grosso modo, o primeiro argumento foi usado para endossar que Jesus é o santo, e Shiva é o profano, ou seja, são incompatíveis. O segundo argumento foi usado para enfatizar que Jesus é superior a Shiva, portanto, não pode estar fundido a tal deus hinduísta. Por não ter sido citada na discussão de Graziano, não fizemos um aprofundamento analítico acerca da composição axiológica da obra de arte neste artigo. Visualizemos a referida imagem, inserida no texto, antes de analisarmos os enunciados:

Figura 1 - Cruzando Jesus Cristo com deus Shiva (1996), de Fernando Baril



Fonte: Reprodução/Poder360, 2017. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniaio/mbi-fez-campanha-por-boicote-a-exposicao-e-nao-ha-nada-errado-nisso/>. Acesso em 20 jan. 2025.

⁷ O Queermuseu e a liberdade artística. *Gazeta do Povo*. 17 set. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaio/editoriais/oqueermuseu-e-a-liberdade-artistica-46rm7gie6ydo8zeobt1eqkyco/> Acesso em 15 dez. 2024.

Feito isso, o articulista inicia o texto com a seguinte afirmação:

[1] **Achei de mau gosto aqueles desenhos pornográficos** da exposição patrocinada pelo Santander. **Jamais** os mostraria para meus filhos. Não é a polêmica arte, porém, meu assunto. Quero falar do MBL (Movimento Brasil Livre) (Graziano, 2017, grifo nosso).

Em primeiro lugar, vê-se o verbo de opinião “achei”, mas no passado, indicando modalização subjetiva para o julgamento de um fato. O verbo “achei” em junção com a expressão “mau gosto” demonstra como o sujeito argumentante, através da empatia ativa, fez uma movimentação ao mundo do outro para compreender que tais obras foram vistas pelo lado oposto como reflexo do bom gosto devido ao conteúdo. Por meio da *exotopia*, retorna a si mesmo e responde ao outro, visto que o referido verbo é posicionado no enunciado de forma a nos fazer inferir que se Graziano achou de mau gosto, certamente os defensores da liberdade artística já haviam demonstrado o contrário.

Por isso, a resposta revela como o sujeito argumentante demonstra quem ele é para o outro, e a imagem que o outro faz dele. Aqui, portanto, vê-se a operação do princípio avaliativo dialógico do “eu para o outro” e “o outro para mim”, delineado em *Para uma filosofia do ato responsável* (2020 [1924]), de Bakhtin. Assim, também vê-se como a polêmica é considerada “profundamente dialógica” (Amossy, 2017, p. 198), uma vez que o primeiro enunciado retoma discursos antecedentes de atribuição de beleza às pinturas, visando refutar a fala dos defensores da liberdade artística, amplamente compartilhadas em mídias sociais em 2017.

Em seguida, ele escreve: “aqueles desenhos pornográficos”, para se referir às obras expostas na Queermuseu, o que pode levar o leitor a entender que ele tem pouco conhecimento sobre arte, porque não se tratam de “desenhos”, mas pinturas. Graziano é engenheiro agrônomo e doutor em administração, foi deputado federal pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), integrou o governo de São Paulo e é professor de MBA da Fundação Getúlio Vargas (FGV), como consta em sua descrição no site do jornal⁸.

A qualificação “pornográficos”, no plural, aponta que ele provavelmente se refere às obras relacionadas à sexualidade, principalmente *Cena de Interior II*, de

⁸ GRAZIANO, Xico. Perfil do autor. **Poder360**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/autor/xico-graziano/>. Acesso em 20 jan. 2025.

Adriana Varejão. A referida obra, disponível no site oficial da artista⁹, apresenta nove pessoas, sendo homens e mulheres, de distintas etnias e raças, em enquadramentos diferentes, realizando práticas sexuais. É possível ver que as relações são heterossexuais e homossexuais. Além disso, nota-se duas pessoas praticando sexo com um animal quadrúpede. Visualizemos a imagem da obra, embora não tenha sido anexada pelo articulista no artigo de opinião:

Figura 2 - Cena de Interior II (1994), de Adriana Varejão



Fonte: Reprodução/Casa Vogue, 2017. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/MostrasExpos/Arte/noticia/2017/08/santander-cultural-apresenta-o-queermuseu.html>. Acesso em 20 jan. 2025.

As personagens de Varejão são compreendidas como centro de valores apologéticos à imoralidade, isso porque a quantidade de pessoas praticando sexo, inclusive mantendo relações homossexuais rememora fatos do passado, narrados na Bíblia, que articulam sexualidade e religião. No Antigo Testamento, especificamente no livro de Gênesis, nos capítulos 18 e 19, consta a história de duas cidades nomeadas Sodoma e Gomorra. Ambas foram destruídas com fogo e enxofre mandados do céu.

⁹ VAREJÃO, Adriana. Terra Incógnita. **Adriana Varejão/Home**. Disponível em: <http://www.adrianavarejao.net/br/home>. Acesso em 07 jan. 2024.

Para alguns cristãos progressistas, sobretudo àqueles simpatizantes da Teologia *Queer* (Althaus-Reid, 2004; Musskopf, 2008), a culpa foi o pecado da falta de hospitalidade, mas, para os cristãos fundamentalistas, a exemplo de André Valadão, Marco Feliciano e Silas Malafaia, o pecado foi a homossexualidade, ou seja, a cidade foi destruída por causa de práticas homoeróticas.

Essa é uma das passagens bíblicas que servem para construir argumentos contrários por parte do campo político-religioso. Além dela, há a referência ao livro de Levítico, no capítulo 18, versículo 22 e no capítulo 20, versículo 13, para afirmar que o sexo homossexual é impuro e abominável. Com o objetivo de endossar a ilegitimidade da homossexualidade ao longo do tempo, também se apropriam das cartas atribuídas ao apóstolo Paulo, porque estão situadas no Novo Testamento, para afirmar que as relações homossexuais não devem ser praticadas. Todos esses discursos aparecem em debates envolvendo político-religiosos, quer seja de forma explícita, — quer seja de forma implícita (Nascimento, 2018a). Vemos que na obra de Varejão não há apenas uma relação homossexual sendo apresentada, mas duas.

Uma delas envolve duas mulheres, cuja relação sexual também é condenada a partir do texto situado em Romanos 1:26: “[...] porque até as mulheres trocaram o modo natural das relações íntimas por outro, contrário à natureza”. No Brasil, a relação sexual entre mulheres se tornou demonizada ao longo do tempo, tanto pela igreja, quanto pela sociedade (Trevisan, 2018 [1986]). Por causa dessa construção histórica e religiosa, o articulista explicita mais um complemento “jamais os mostraria para meus filhos”, o que marca a avaliação do conteúdo da exposição como negativa a partir do advérbio “jamais”. Desse modo, potencializa o enunciado por meio do emprego do juízo apreciativo e axiológico. Discorrido isso, passemos a análise do segundo parágrafo:

[2] **Não vi nada de errado na atitude tomada pelo MBL.** Como típico movimento de rede, se manifestou contrário a um evento cultural que julgaram inadequado. **Seguiram seus princípios éticos, foram coerentes com sua pregação ideológica** (Graziano, 2017, grifo nosso).

Ao dizer “não vi nada de errado na atitude tomada pelo MBL”, o verbo “vi”, no passado, em ligação com o “nada de errado” marca, sob a ótica do autor, o domínio do certo em relação à ação do movimento político, impulsionado por grupos religiosos que, “como típico movimento de rede, se manifestou contrário a um evento cultural que julgaram inadequado”. Aqui, surge o adjetivo “inadequado”, o

que faz o leitor compreender a exposição como fruto de um grupo posto como o antimodelo a ser seguido (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1966]).

Em continuidade ao argumento, ele salienta: “Seguiram seus princípios éticos, foram coerentes com sua pregação ideológica”. Logo, depreende-se que o MBL, atravessado pela ética e a ideologia, agiu daquela forma a partir de uma evidência e não simplesmente ancorado em uma modalidade volitiva, para fazer jus a uma coerência entre seu discurso ideológico e os atos diante de acontecimentos sociais. Por isso, tais atos não são atitudes indiferentes, mas, sim, uma movimentação emocional entre o partido e os opositores. Vejamos a segunda parte do enunciado:

[3] **As obras, algumas, carregadas de banal sexualidade, segundo eles, valorizavam a pedofilia e a zoofilia.** Nesse sentido, era uma exposição imprópria ao público estudantil, a quem se dirigia. Daí, ao denunciá-la, propuseram seu boicote. Tiveram sucesso (Graziano, 2017, grifo nosso).

O articulista segue: “as obras, algumas, carregadas de banal sexualidade, segundo eles, valorizavam a pedofilia e a zoofilia”. Agora, vê-se que ele não nomeia mais “desenhos”, mas “obras”, no entanto, elas são “carregadas de banal sexualidade”. O adjetivo pejorativo “banal” é fruto da concepção de que o sexo está associado à “santidade”. E a sexualidade está associada apenas a cisheteronormatividade, na perspectiva religiosa que fundamenta as movimentações do MBL. Segundo o MBL, de acordo com as palavras de Graziano, as obras “valorizavam a pedofilia e a zoofilia”. Mais uma vez, as qualificações “pedofilia” e “zoofilia” projetam que isso não é apenas uma verdade, mas um dogma, portanto, não há incerteza ou dúvida.

Tais qualificações, difundidas na esfera pública, são, portanto, as únicas formas de caracterizar as obras sob a perspectiva do campo político-religioso. Logo, “pedofilia” e “zoofilia” não são mais palavras independentes, mas, dentro do evento polêmico, se tornam dependentes. Uma depende da outra para suscitar efeitos negativos. Graziano continua: “nesse sentido, era uma exposição imprópria ao público estudantil, a quem se dirigia. Daí, ao denunciá-la, propuseram seu boicote. Tiveram sucesso”. Percebe-se o adjetivo “impróprio” como potencializador do adjetivo “inadequado” já usado no início do parágrafo.

A denúncia surge como uma reação ao que é “impróprio” e “inadequado”, portanto, o boicote foi o resultado material dos tecnodiscursos veiculados pelo MBL via redes sociais. E, como tiveram sucesso, certamente o articulista leva o leitor a

enxergar o MBL e os político-religiosos como figuras de autoridade e, conseqüentemente, prestígio por encerrarem uma atividade cultural contrária aos valores amados por eles. Em mais um parágrafo, Graziano acrescenta:

[4] **Ninguém precisa concordar com a posição do MBL.** Podem pensar o contrário, elogiar a exposição, destacar a livre manifestação da arte, ou até defender **o sexo humano com animais.** Sei lá. Argumentem o que quiserem, que irei respeitar. Nada tem mais valor na democracia que a **livre expressão do pensamento** (Graziano, 2017, grifo nosso).

O enunciado acima revela um tenso embate dialógico, a partir da voz polêmica do sujeito argumentante, que discorda dos defensores da liberdade artística ao opinar: “Ninguém precisa concordar com a posição do MBL”. Em seguida, ao afirmar que irá respeitar qualquer argumentação favorável ou não à exposição, o articulista leva o leitor a pensá-lo como distante do radicalismo, mas flexível à opinião do outro. O radicalismo é comumente associado à esquerda, por parte da direita, principalmente a partir das ideias difundidas pelo pensador direitista Olavo de Carvalho¹⁰, logo, Graziano evita uma possível associação do seu perfil ao grupo visivelmente rejeitado por ele.

Apesar da substituição da qualificação “zoofilia” pela descrição “sexo humano com animais”, nesse parágrafo ele julga a prática defensável, porque está ligado ao que ele compreende como “a livre expressão do pensamento”. Se no primeiro parágrafo a “zoofilia” não deve ser contemplada, no segundo, o “sexo humano com animais” pode ser defendido. Portanto, ele transforma a qualificação “zoofilia” em um eufemismo para se distanciar do tom agressivo.

Assim, constrói e potencializa a imagem de si ancorada na flexibilidade, o que pode distanciar-lo, também, de uma possível associação direta ao MBL. Além disso, os sinônimos “zoofilia” e “sexo humano com animais” propõem ao leitor a possibilidade de usar quaisquer desses dois termos para qualificar a ação. No parágrafo seguinte, ele inicia com um questionamento e a classificação de três razões para justificar o que nós estamos chamando de evento polêmico (Nascimento, 2018a):

[5] Por que, então, tanta polêmica criou o MBL? Complexa é a resposta. Destaco 3 razões. Primeiro, eles foram combatidos por aquela esquerda cultural que domina as rédeas do “politicamente correto” e estabelece aquilo que pode, e o

¹⁰ Olavo de Carvalho foi considerado um teórico da conspiração de extrema-direita. No entanto, foi e é visto como filósofo e intelectual para o campo direitista, embora não tenha possuído formação acadêmica em Filosofia.

que não pode ser dito, ou feito na sociedade, segundo, é claro, os universais valores que assumem. Assim se vive nesses tempos contraditórios onde os mesmos atores que pregam a tolerância total patrulham quem não segue sua cartilha libertária. Novos inquisidores (Graziano, 2017, grifo nosso).

A primeira razão é julgada como um fato: “eles foram combatidos por aquela esquerda cultural que domina as rédeas do “politicamente correto” e estabelece aquilo que pode, e o que não pode ser dito, ou feito na sociedade, segundo, é claro, os universais valores que assumem”. De “esquerda cultural” herdaram-se outras rotulagens como “esquerdopatas”, “esquerdolóides”, “vermelhoides”, “petralha” etc. A “esquerda cultural” também está ligada ao conceito de marxismo cultural, sendo este importado dos Estados Unidos por Olavo de Carvalho (Toitio, 2020). O objetivo era explicar os desdobramentos da esquerda no Brasil para construir argumentos que mobilizassem seu combate. Por isso, a narrativa do “marxismo cultural” serviu para fomentar discursos pró-bolsonarismo, considerado “a versão brasileira do neofascismo” (Toitio, 2020, p. 85) e a polêmica direitista em torno das ideias do pensador e político italiano Antonio Gramsci.

A partir do trecho em que cita a “esquerda cultural”, vê-se uma manobra de retorsão, que é usada por conservadores para pôr “[...] os intelectuais de esquerda como os verdadeiros fascistas” (Angenot, 2019, p. 163). Ao afirmar que a “esquerda cultural” domina as rédeas do “politicamente correto”, ele põe o espectro político como o autoritário, portanto, o campo onde ocorre o verdadeiro fascismo intelectual, assim conduz o leitor a pensar que há uma divisão nítida entre os domínios do bem e do mal. Desse modo, Graziano direciona o leitor a pensar quem são os verdadeiros fascistas, e, se assim o são, o MBL não errou em apoiar o boicote contra uma exposição apoiada por um autoritarismo politicamente correto, que, de acordo com suas palavras, “estabelece aquilo que pode, e o que não pode ser dito, ou feito na sociedade, segundo, é claro, os universais valores que assumem”. Feito isso, ele continua:

[6] Segundo, a **esquerda petista, aquela engajada**, viu no episódio uma oportunidade de atacar o MBL, seu ferrenho inimigo. Então, como adora fazer, deformou o assunto, inventando que o MBL estava defendendo a censura. Seriam fascistas, ou nazistas (Graziano, 2017, grifo nosso).

Nesse trecho “a esquerda petista, aquela engajada”, o articulista propõe que a esquerda não tem uma face hegemônica, mas algumas outras. E cada uma delas cumpre uma função negativa. O adjetivo “petista” é um microato polêmico, porque

reaviva na memória do leitor as diversas polêmicas envolvendo o Partido dos Trabalhadores (PT) e seus simpatizantes, os petistas. Esse microato, semanticamente, é um sinal dos efeitos da polêmica verbal, uma vez que Graziano se sente à vontade para desqualificar os seus adversários, porque já existe uma divisão social (Amossy, 2017). Para uns, ser petista é um bom posicionamento. Para outros, significa uma condição abjeta.

O microato polêmico “petista”, então, ao ser lido, faz um percurso na memória que vai da esperança trabalhadora até o declínio por corrupção. Isso porque “todo enunciado tem uma memória, razão da atualização dos sentidos” (Nascimento, 2018a, p. 167). Se a “esquerda cultural” tem os domínios do “politicamente correto”, a “esquerda petista” é “aquela engajada”, isto é, a bélica, a criminoso, porque “viu no episódio uma oportunidade de atacar o MBL, seu ferrenho inimigo”.

Graziano constrói mais um parágrafo polêmico a partir de estereótipos oriundos dos posicionamentos ético-cognitivos dos simpatizantes do PT, para criar uma imagem cristalizada de que a esquerda ataca e deforma o assunto, ou seja, é aquela que faz uso do discurso bivocal (Bakhtin, 2018) para reproduzir as palavras do MBL, subjazidas de seus valores ideológicos, e colocá-los como aqueles que defendem a censura. Assim, os estereótipos são um recurso disponível para o articulista projetar imagens idealizadas do espectro político. Se na ótica dos defensores da liberdade artística o MBL foi o algoz, na ótica de Graziano o partido foi a vítima, afinal, “a identidade do atacante é construída em oposição à do desqualificado” (Nascimento, 2018a, p. 192) em um contexto de dicotomia (opiniões nas redes sociais) e polarização (boicote de uns, apoio e vontade de visitar a exposição por parte de outros).

Desse modo, o texto apresenta o que o articulista aponta como as faces da esquerda. Vê-se que as qualificações utilizadas por Graziano, até aqui, podem ser associadas a uma tentativa de inferiorizar tal espectro político, direcionando o leitor a desenvolver aversão e duvidar das intenções e veracidade do seu discurso e de suas ações no tecido social. Imbuído de um pensamento voltado para a polarização direita versus esquerda, Graziano não cita questões estéticas acerca das obras de arte na exposição Queermuseu, mas faz os encaminhamentos do texto sob a perspectiva axiológica. Logo, ele contribui para o posicionamento do leitor não ser formado por apenas um argumento, mas por outros que vão surgindo para reforçar o seu discurso político e cumprir a finalidade pedagógica. Tal qual cumpriam os panfletos ancorados

na cisão político-religiosa na década de 1940, na Bahia (Lopes; Nascimento, 2022). Em seguida, continua:

[7] Assim, com a narrativa *fake* ajustada, raivosamente caíram de pau neles. Os MAVs (militantes de ambientes virtuais) vermelhos, no fundo, não se conformam pela perda da supremacia na rede, ostentada naquela época de vacas gordas alimentadas com o dinheiro público. O nosso. Agora se irritam em ver os meninos do MBL, igualmente estridentes e aguerridos, tomando seu lugar. Esperneiam (Graziano, 2017, grifo nosso).

“Assim, com a narrativa *fake* ajustada, raivosamente caíram de pau neles”. O uso da palavra inglesa *fake* pode ser pensada como uma referência ao fenômeno das *fake news*, as notícias falsas. Em um contexto de descentralização dos programas de TV como principal fonte de informação, pode-se “afirmar que que o caso da validação de *fake news* está para além da crença, alcançando o nível do gosto, o que permite reconstruir o intertexto: Gosto, logo acredito. Acredito, logo é verdade” (Seixas, 2019, p. 280). O espectro político conhecido por sustentar narrativas *fake* por intermédio das *fake news* é a direita, assim, vê-se novamente, uma manobra de retorsão (Angenot, 2019) para associar posturas político-religiosas aos defensores da liberdade artística.

A força motriz para a esquerda “raivosamente” cair “de pau” no MBL foi uma narrativa *fake*, o que chancela o que falamos acima: há uma disputa pela verdade, pelo apontamento de quem representa o bem e de quem representa o mal. Por isso, ele ainda salienta: “[...] os MAVs (militantes de ambientes virtuais) vermelhos, no fundo, não se conformam pela perda da supremacia na rede, ostentada naquela época de vacas gordas alimentadas com o dinheiro público”. Os MAVs são um núcleo de Militância em Ambientes Virtuais, também associado à direita. Em muitos casos, favoreceu políticos como Bolsonaro na internet (Velho; Montardo, 2022).

Por isso, Graziano adiciona o adjetivo “vermelho” para diferenciá-los dos direitistas, que, em um passado envolvendo a Ditadura Militar, consideravam as aspirações comunistas “nefastas por serem desestabilizadoras, o que leva a tentar eliminá-las” (Fiorin, 2013, p. 33). Tal adjetivo, portanto, era usado no passado por integralistas para rotularem comunistas, como é possível confirmar através do panfleto *Vitória do Brasil* (1970), de Eulálio Motta (Lopes; Nascimento, 2024). Ao complementar com “no fundo”, o articulista supõe que há um ressentimento por

detrás do inconformismo dos defensores da liberdade artística (esquerda) com o encerramento da exposição.

Ao fazer uso do argumento por analogia (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1966]) para dizer que o tempo de elevação dos “MAVs vermelhos” eram como a “época de vacas gordas”, ele, novamente, evoca a memória discursiva (Paveau, 2013b) para fazer o leitor lembrar da era do PT no poder e das acusações de desvio de dinheiro público. A construção da demonização da “esquerda petista” ainda continua quando ele afirma que o dinheiro público não é apenas público, fruto de uma abstração distante, mas de um fato próximo e concreto, porque é “nosso”. O pronome possessivo “nosso” pode evocar a indignação e o ódio (Aristóteles, 2012; Figueredo, 2020), as paixões responsáveis por fazer a dicotomia chegar ao estágio de polarização (Amossy, 2017). O “nosso” em referência ao dinheiro é uma argumentação de fácil aceitação por ser conhecida entre a população.

Nesse sentido, Graziano funda a sua argumentação na *doxa*. Segundo Massmann (2011, p.374), “fundamentar a argumentação na *doxa* significa criar um elo com o auditório, é aproximar-se dele a fim de conquistar a sua adesão às teses apresentadas”. Logo, lembrar que o “nosso” dinheiro está em jogo, visa demonstrar uma imagem de si preocupada com o bem-estar social, prezadora da honestidade, da verdade, da justiça, para incluir a sua “argumentação nesse conjunto de valores que circula e que, supostamente, é aceito por toda a sociedade” (Massmann, 2011, p. 375).

Para finalizar a categorização da segunda razão, ele complementa com: “Agora se irritam em ver os meninos do MBL, igualmente estridentes e aguerridos, tomando seu lugar. Esperneiam” (Graziano, 2017). Então, a “esquerda petista”, além de bélica e criminosa, é posta no texto como o clã da inveja, afinal, para o articulista, estão irritados por ver o MBL tomar seu lugar, porque “as posses ou prioridade” do outro “constituem [...] motivo de desonra” (Aristóteles, 2012, 1388a). A “esquerda petista”, uma vez invejosa, está em estado de “angústia perturbadora [...], a dor é sentida, não porque se deseja algo, mas porque as outras pessoas o têm. É relacionada ao sentimento de querer tirar, ou destruir, o que é de outrem” (Figueredo, 2019, p. 10).

Ademais, o comportamento invejoso levou Lúcifer, o anjo de luz, a tornar-se o Diabo, considerado o ser das trevas e o pai da mentira, como aponta a tradição bíblica. A inveja também se junta ao bojo dos sete pecados capitais, de elaboração

teológica, principalmente a partir da leitura bíblica do Papa Gregório I e, posteriormente, mais sistematizada pela Escolástica de Tomás de Aquino. E, se além de invejosa, a esquerda esperneia, certamente assume uma postura histórica, ou seja, é um espectro político onde não há controle de emoções, mas desequilíbrio. Por fim, ele apresenta a terceira razão para explicar o porquê o MBL criou tanta polêmica:

[8] Terceiro, a esquerda marxista, remanescente no PSDB, no PPS e alhures, incluindo a imprensa tradicional, atacou o MBL por princípio. Nele enxergam, desde quando surgiu, um movimento reacionário, do qual devem divergir sempre. Simplesmente depreciam seus interlocutores, e acabou a conversa. Não vi, achei conservador, não gostei (Graziano, 2017, grifo nosso).

Outra face da esquerda é apresentada como “esquerda marxista”, que não existe de forma independente, mas é “remanescente do PSDB, no PPS e alhures”, ou seja, do Partido da Social Democracia Brasileira e do Partido Popular Socialista, como a “esquerda petista” é fruto do Partido dos Trabalhadores. Assim, depreende-se que a esquerda, aqui, não aparece como um único agrupamento, mas uma tríade, cujos valores são advindos de lugares diferentes. No entanto, eles convergem, porque se fundem para atacar o MBL, sob a ótica do articulista. Ao citar a imprensa em concordância com a “esquerda marxista”, ele elenca mais um inimigo e estabelece o MBL como o injustiçado por ser visto como um movimento reacionário.

Vê-se, ainda, o argumento de vínculo causal, que é usado quando um determinado evento é resultado de algo que lhe foi antecedente (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1966]). Por meio das palavras do articulista, o leitor é levado a pensar que se atualmente o MBL é atacado, é porque desde a sua gênese foi considerado um movimento reacionário para as esquerdas “do qual devem divergir sempre”. E, a partir desse argumento de vínculo causal, o leitor também é levado a compreender quais serão os efeitos disso. Por fim, escreve: “Simplesmente depreciam seus interlocutores, e acabou a conversa. Não vi, achei conservador, não gostei”. Quando cita “acabou a conversa” ele supõe que a esquerda, embora pregue a liberdade, não é aberta ao diálogo, para justificar o fato de não ter gostado do seu posicionamento. Em mais um parágrafo, ele argumenta:

[9] Minha visão diverge totalmente das anteriores. Julgo o MBL uma das mais importantes articulações políticas surgidas na sociedade conectada do século 21. **Quando com seus líderes dialoguei, os senti capacitados, até idealistas.** O MBL expressa o pensamento não dogmático típico dos jovens na atualidade (Graziano, 2017, grifo nosso).

Aqui ele se coloca no texto como uma figura de prestígio, provavelmente devido à sua idade cronológica e os anos de carreira na política. Assim, tece uma narrativa de fatos quando assegura para o leitor que ele mesmo dialogou com os líderes. Desse modo, fornece elementos para o seu discurso soar espontâneo e persuasivo. O autor tenta, então “dar a conhecer a sua competência, sua imparcialidade, sua honestidade” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014 [1966], p. 561). Por isso, em contraposição às esquerdas “petista” e “marxista”, ele nomeia os membros do MBL como “capacitados” e “idealistas”. O articulista, tal qual um polemista apossado de panfletos em meados de 1940, “escreve e polemiza como se ele fosse o portador da verdade absoluta, em razão disso, sente-se à vontade para enaltecer a si mesmo, ironizar e demonizar o discurso de seu oponente” (Lopes; Nascimento, 2022, p. 176). Mais uma vez, segue argumentando:

[10] Chamá-lo de **ultraliberal** seria mais correto que taxá-lo como **radical da direita**. Eles não acompanham Bolsonaro. Lutam contra os tentáculos do velho Estado que tudo controla, querem erguer a cidadania, promover a família. Seu respaldo vem da multidão das pessoas, de todos os níveis sociais, que viram nosso sistema político falir, corrompido, e desejam um mundo melhor (Graziano, 2017, grifo nosso).

A rotulagem e posicionamento político “ultraliberal” é posto no texto como o exemplo a ser usado para nomear os membros do MBL, em vez de “radical de direita”, porque, para Graziano, provavelmente soa energizado pela cólera e a inverdade. Isso porque está fora do campo semântico das palavras que ele julga nobres. O prefixo ultra é sinônimo de extremo, mas o articulista não utiliza tal palavra, afinal, o “ultra” conclama o mesmo efeito, contudo, de uma forma que se aproxima, semanticamente, da pacificidade, da superioridade ao neoliberalismo, por exemplo, que estava ligado a Bolsonaro.

Feito o distanciamento entre uma postura ultraliberal e a neoliberal, ele afirma “eles não acompanham Bolsonaro” e, certamente, estabelece um parâmetro para o que é “radicalismo” e o associa a uma prática homogênea, de apenas um grupo: os bolsonaristas. Se o MBL não comunga com as ideias bolsonaristas nem com as ideias da esquerda cultural, Graziano põe o partido no campo da neutralidade, da moderação e do equilíbrio. Todas as esquerdas são postas, no texto, como frutos de certos partidos políticos, mas o MBL não é citado em associação a nenhum partido ou ideologia. É como se fosse independente e autossuficiente, embora afirme que o MBL é “contra os tentáculos do velho Estado que tudo controla, querem erguer a

cidadania, promover a família”, sendo que estes últimos desejos eram defendidos pelo bolsonarismo em ascensão, em 2017, o ano de publicação do artigo. No último enunciado, ele pontua:

[11] **Não morro de amores pelo MBL. Odeio as intolerâncias. Tampouco me atraem os raciocínios polarizados, esquerda contra direita, ricos contra pobres, PT versus PSDB. Prefiro curtir as complexidades da política. Mas reconheço que o MBL contribui para o avanço democrático na era da internet.** Provoca o debate aberto ao fazer um necessário contraponto com as visões esquerdizantes que dominavam as redes. Pode-se gostar ou não de suas causas. Jamais desqualificá-las (Graziano, 2017, grifo nosso).

Ao afirmar “não morro de amores pelo MBL”, ele direciona o leitor a pensar que a construção de seu raciocínio durante o texto não esteve fundamentada no *pathos*, mas no *logos*. Demonstrar distanciamento emocional do objeto do discurso polêmico constrói uma imagem de si baseada em anti-radicalismo. Em seguida, o “odeio as intolerâncias” propõe uma justificativa para os contínuos argumentos contrários à esquerda e suas ramificações. Ademais, por se tratar de alguém convicto de que seu raciocínio esteve fundamentado no *pathos*, ele mostra ao leitor que as suas paixões (indignação e ódio) são direcionadas ao que merece: a intolerância. E a raiz da intolerância, como ele visa apontar, é a esquerda. Tal tensão polêmica no enunciado aponta como: (i) Graziano confirma totalmente para o leitor um “eu-para-si”, cuja identidade subjetiva é oposta a ideais esquerdistas. (ii) E a relação “eu para-o-outro”, cuja condição confirma plenamente a identidade do sujeito argumentante no plano relacional, que, por sua vez, está alinhada ao campo político-religioso. Essa “constatação permite dizer que o outro é condição para o sujeito, de igual modo, que o eu define também o outro” (Nascimento, 2018a, p. 72).

Em outro trecho, ele diz: “tampouco me atraem os raciocínios polarizados, esquerda contra direita, ricos contra pobres, PT versus PSDB. Prefiro curtir as complexidades da política”. A declaração contrária à dinâmica de polarização constitui a construção do perfil que tem sido analisado até aqui em diálogo com outros procedimentos. Esse enunciado, por exemplo, manifesta em maior grau a subjetividade do autor, pois expressa alguma valoração do estado racional deste a respeito do distanciamento do que seria uma postura radical e a sua preferência. Entretanto, não é possível distanciá-lo, porque os argumentos precedentes a este, isto é, os atos polêmicos dizem respeito a uma postura passional.

Outra marca da subjetividade está na seguinte afirmação: “Mas reconheço que o MBL contribui para o avanço democrático na era da internet”. Reconhecer significa tomar partido, defender um conceito de democracia que não se dá no mundo real, mas no mundo digital. Por isso que o MBL, uma instância política tangível é posta em confronto com uma instância intangível: os Militantes Virtuais, que ele rotula pejorativamente como “MAVs vermelhos”. O mundo digital é tão preconizado quanto o mundo real porque, embora impalpável, forma a opinião. E é a opinião responsável pela transformação da ideia em ato. Graziano acrescenta mais uma ação benéfica do MBL, segundo ele: “provoca o debate aberto ao fazer um necessário contraponto com as visões esquerdizantes que dominavam as redes”.

À guisa de conclusão, o autor escreve: “pode-se gostar ou não de suas causas. Jamais desqualificá-las”. O objetivo da caracterização de todas as qualidades visa estabelecer, para o leitor, a partir do “jamais desqualificá-las”, que não há argumento plausível para inferiorizar o MBL. A seleção do vocabulário, então, é um marcador do seu posicionamento no campo político-religioso. Dialogicamente, todos os termos pejorativos empregados pelo autor são produtos polêmicos, porque vêm travestidos e energizados com base nos valores ideológicos defendidos por quem lhes proferiu (Nascimento, 2018a).

Portanto, no evento polêmico sobre a exposição Queermuseu, a partir da análise do artigo de opinião selecionado, o ato polêmico central se dá enquanto argumento de antimodelo, pois o grupo organizador da atividade cultural, na perspectiva do articulista, se mostrou favorável a propagação da imoralidade sexual, de crimes como a pedofilia e a zoofilia através das obras de arte. Além do referido ato polêmico central, surgem outros atos polêmicos empregados no artigo como analogia e vínculo causal, assim como o microato polêmico “petista”. Todos estes foram utilizados pelo sujeito argumentante, a fim de apontar para o leitor que as ações do grupo posto como o antimodelo, são frutos das três faces da esquerda apresentadas no texto.

4 Considerações finais

Xico Graziano, fundamentado em um pensamento voltado para a polarização direita versus esquerda, não citou, ao longo do texto, questões estéticas acerca das obras de arte implicadas. A sua preocupação, bem como a do movimento político supracitado, não está ancorada em pensar se a obra de arte possui chassi, se é feita

com giz pastel, acrílica ou óleo, se o jogo de luzes está correto ou outras questões relacionadas ao plano físico. Através da análise, foi possível ver que o articulista fez os encaminhamentos do texto sob a perspectiva axiológica. Logo, através dos argumentos empregados, ele direcionou o leitor a pensar as obras de arte na contemporaneidade sob a ótica alinhada aos valores defendidos pelo conservadorismo.

Além disso, a análise revela como os enunciados selecionados e organizados por Graziano dialogam com valores socioculturais compartilhados de forma ampla, mas interpretados de maneira divergente pelos campos discursivos em oposição. Por meio da *exotopia* e da empatia ativa, a ADA mostra como os sentidos atribuídos aos textos e imagens presentes na Queermuseu são ressignificados e discutidos pelo campo opositor para consolidar suas opiniões. Tal disputa enunciativa desnuda as tensões entre a liberdade artística e a moralidade religiosa, cujas implicações são significativas tanto para o debate público quanto para as políticas culturais. Ainda no que se refere à empatia, pudemos enfatizar que esta foi por nós empreendida a partir do exercício de compreensão *axiológica* do autor, Xico Graziano, e da sua axiologia.

A articulação entre as estratégias argumentativas e a circulação do discurso em espaços digitais põe em relevo a complexidade dos eventos polêmicos contemporâneos. O caráter tecnodiscursivo do artigo de opinião de Xico Graziano exemplifica como as plataformas digitais funcionam como veículos da polêmica, possibilitando a amplificação de vozes, potencializando polarizações e remodelando a recepção social dos discursos, assim como energiza a polêmica. Nesse contexto, a ADA torna-se uma perspectiva analítica eficaz para depreender como os sujeitos argumentantes formam seus posicionamentos, reagem, atuam e constroem significados que transcendem os limites do enunciado e tornam-se parte de um dialogismo social mais amplo. Portanto, aqui reiteramos o papel importante da polêmica, do dissenso e do desacordo no espaço democrático contemporâneo, inclusive, obviamente, no espaço digital.

Referências

ALTHAUS-REID, Marcella. **The Queer God**. Routledge, 2004.

AMOSSY, Ruth. **Apologia da Polêmica**. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. Tradução de Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto *et al.* – São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução de Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2020.

ANGENOT, Marc. A retórica da qualificação e as controvérsias de rotulagem. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 18, n. 1, 2019. <https://doi.org/10.17648/eidea-18-2283>.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse, Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I**: a estilística. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Ato Responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BÍBLIA ALMEIDA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri : Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A Trajetória das Paixões. **Revista Sinergia**, v. 20, p. 6-17, 2019.

FIORIN, José Luiz. A sacralização da política. In: FULANTI, Oriana de Nadai; BUENO, Alexandre Marcelo. **Linguagem e política**: princípios teórico-metodológicos. São Paulo: Contexto, 2013. p. 21-38.

GRAZIANO, Xico. MBL fez campanha por boicote a exposição e não há nada de errado nisso. **Poder360**. 13 set. 2017. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniaio/mbl-fez-campanha-por-boicote-a-exposicao-e-nao-ha-nada-errado-nisso/>. Acesso em: 23 mai. 2024.

LOPES, Priscila Santos; NASCIMENTO, Lucas. Polêmica religiosa nos panfletos de Eulálio Motta: uma análise dialógica da argumentação. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 22, n. 3, p. 169-186, 2022. DOI <https://doi.org/10.47369/eidea-22-3-3565>

LOPES, Priscila Santos; NASCIMENTO, Lucas. Análise dialógica da argumentação polêmica no discurso político de Eulálio Motta. In: Jacson Balduino Silva; Emanuelle Reisurreição Dantas; Fagner Carvalho Silva; Silvana Silva Farias de Araújo; Huda da Silva Santiago; Liliane Lemos Santana Barreiros; X. (Org.). **Diversidade linguística e práticas discursivas no contexto brasileiro**. Tutóia: Editora Lupa, 2024. p. 250-277.

MASSMANN, Débora. A arte de argumentar na sala de aula. **Letras**, n. 42, p. 363-385, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/12187/7581>. Acesso em: 27 mai. 2024.

MUSSKOPF, André Sidnei et al. **Via (da) gens teológicas**: itinerários para uma teologia *queer* no Brasil. 2008.

MOTTA, Eulálio, M. Vitória do Brasil!. **Panfleto**, Mundo Novo, 02 abr. 1964. Disponível em: <https://eulaliomotta.wordpress.com/edicao-semidiplomatica-do-panfleto-vitoria-do-brasil/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

NASCIMENTO, Silva, Lucas. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. 2018. 557f. (Doutorado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras, Programa de Pós- Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018a.

NASCIMENTO, Silva, Lucas. Análise dialógica da argumentação polêmica: uma hipótese geral. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 1, p. 151-169, jan-abr/2018b.

NASCIMENTO, Silva, Lucas. (2019). A criminalização da homofobia como evento polêmico: o dissenso entre LGBTs e cristãos. **Revista Científica Do Curso De Direito**, v. 3, p. 6-25. DOI: <https://doi.org/10.22481/rccd.voi3.6063>

NASCIMENTO, Silva, Lucas. A flor mais bela: um elogio à polêmica em Dom Casmurro. In: CHAUVIN, Jean Pierre (org.). **Estudos sobre Dom Casmurro**: homenagem a Lineide Salvador do Lago Mosca. Rio de Janeiro: Luva Editora, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. Genre de discours et technologie. **Pratiques**, n. 157-158, juin, 2013a, p. 7-30.

PAVEAU, Marie-Anne. Memória, des-memória, a-memória: quando o discurso volta-se para seu passado. Tradução de Jocilene Santana Prado e Eduardo Lopes Piris. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n. 5, p. 137-161, dez. 2013b. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/441> acessado em: 25 jun. 2024.

PAVEAU, Marie-Anne. **L'analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques. Paris: Hermann, 2017.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Org. da Tradução de Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. Campinas: Pontes, 2021.

PERELMAN, Chaïm; Lucie Olbrechts-Tyteca. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

SEIXAS, Rodrigo. Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo-argumentativo das fake news. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 30, n. 59, p. 279-295, 21 dez. 2019.

TOITIO, Rafael. “Ideologia de gênero” e “marxismo cultural” nas taras presidenciais: Marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. **Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura**, v. 3, n. 10, p. 80-108, 2020. DOI: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2020.10.10918>.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.; 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VELHO, Eduardo Gabriel; MONTARDO, Sandra Portella. “Queremos impeachment”: analisando os comentários de leitores do G1 sobre Jair Bolsonaro através de uma rede de palavras. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 18, n. 52, p. 146-161, 2022.